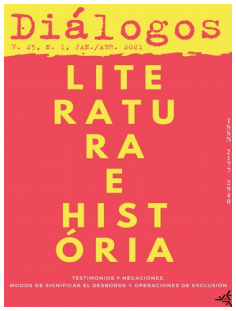

Diálogos

ISSN 2177-2940

CC BY

A recuperação do passado e a escrita da história: os significados históricos do ms. 9-4769 de la Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid (c. 1535-1553/1554)[1]

https://doi.org/10.4025/dialogos.v25i1.47941

Luciano José Vianna

http://orcid.org/0000-0001-7355-7609

Universidade de Pernambuco, Petrolina, Brasil. E-mail: luciano.vianna@upe.br

The Recovery of the Past and the Writing of History: the Historical Meanings of the MS. 9-4769 of the Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid (c. 1535-1553/1554).

Abstract: In this article, we analyze one of the manuscripts of the textual tradition of Book of Deeds, the MS. 9-4769 of the Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid, which contains the life of King James I of Aragon (1208-1276). We analyze this object trying to establish its historical meaning because it does not present information on the place, date, and author. For this, we use the studies of Soldevila, Chenu, Teeuwen, Aurell, Bruguera, and Briquet. We conclude that, according to this characteristics, this manuscript was composed in two moments and, therefore, present two historical meanings.

Key words: King James I of Aragon, Book of Deeds, Historical Meaning.

La recuperación del pasado y la escrita de la historia: los significados historicos del ms. 9-4769 de la Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid (c. 1535-1553/1554).

Resumen: En este artículo, analizamos uno de los manuscritos de la tradición textual del Libro de los Hechos, el ms. 9-4769 de la Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid, el cual presenta la vida del rey Jaime I de Aragón (1208-1276). Hemos analisado el objecto establecendo su significado histórico, pues el manuscrito no presenta informaciones sobre el lugar, fecha y autoría de composición. Para hacerlo, utilizamos los estudios de Soldevila, Chenu, Teeuwen, Aurell, Bruguera y Briquet. Hemos concluido que, de acuerdo con sus características, este manuscrito fue composto en dos momentos y, así, presenta dos significados historicos.

Palabras clave: Rey Jaime I de Aragón, Libro de los Hechos, Significado historico.

A recuperação do passado e a escrita da história: os significados históricos do ms. 9-4769 de la Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid (c. 1535-1553/1554).

Resumo: Neste artigo, analisamos um dos manuscritos da tradição textual do Livro dos Feitos, ou seja, o ms. 9-4769 da Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid, o qual apresenta a vida do rei Jaime I de Aragão (1208-1276). Realizamos uma análise deste objeto tentando determinar o seu significado histórico, pois o mesmo não apresenta informações sobre o seu lugar, data e autoria de composição. Para isso, utilizamos os estudos de Soldevila, Chenu, Teeuwen, Aurell, Bruguera e Briquet. Concluímos que, de acordo com suas características, o manuscrito foi composto em dois momentos e, portanto, apresenta dois significados históricos.

Palavras-chave: Rei Jaime I de Aragão, Livro dos Feitos, Significado histórico.

Recebido em: 16/05/2019
Aprovado em: 10/09/2019

1Este artigo constitui um dos capítulos de minha tese de doutorado intitulada *El significat històric de la tradició textual del Llibre dels Fets. 1343-1557*, (Departament de Ciències de l'Antiguitat i de l'Edat Mitjana – Universitat Autònoma de Barcelona, 2014), a qual foi agraciada com o "Premio Extraordinario de Doctorado" da Universitat Autònoma de Barcelona em 2016.

A historiografia medieval é um campo de atuação que apresenta diversos gêneros históricos, dentre os quais está a crônica medieval. De acordo com os recentes estudos sobre as crônicas medievais, as mesmas devem ser estudadas a partir de uma perspectiva pluridisciplinar e "medieval", considerando todas as informações contidas em sua composição (AURELL, 2013, p. 95-142), como, por exemplo, a autoria.

Um dos principais aspectos que se destacam em relação à historiografia medieval é a definição do conceito de autoria, pois há uma diferença entre os conceitos de *actor* e de *auctor* quando nos referimos ao período medieval: o primeiro fazia referência ao personagem associado ao ato de *compor* a obra (um copista, por exemplo) e o segundo fazia referência ao personagem cuja *autoridade* era recuperada (*auctor* > *auctoritas*) (CHENU, 1927, p. 81-86; TEEUWEN, 2003, p. 222-223). Além disso, devemos destacar o conceito de patrocinador, o qual, muitas vezes, importa mais para se compreender o processo de composição de uma obra, uma vez que o mesmo a patrocina e, portanto, determina suas condições de produção (SPIEGEL, 1995, p. 6).

Neste sentido, quando realizamos a análise de um objeto de uma tradição textual, devemos observar que o mesmo foi composto em um momento de reprodução no qual o seu *auctor* (autor) não estava presente, sendo, portanto, formulado por *actores* (copistas) e/ou patrocinadores, em contextos nos quais o conteúdo textual era recuperado – através da memória social e cultural do território ou do personagem ao qual fazia referência (ASSMANN, 1995, p. 125-133) – e (re)interpretado de acordo com as necessidades dos *actores* e/ou patrocinadores. O resultado final desta recuperação era a transformação desta ação em um texto historiográfico (WHITE, 1999, p. 2-3), o qual poderia tomar a forma de qualquer gênero histórico e ocupar um local representativo na sociedade onde foi recuperado e apropriado pelos *actores* e patrocinadores.

O rei Jaime I de Aragão (1208-1276), também conhecido como o *Conquistador*, é considerado um dos reis mais importantes da Coroa de Aragão e muito conhecido na história do contexto peninsular ibérico por ter atuado contra os muçulmanos no processo conhecido como Reconquista. Sua vida foi representada em diversos objetos historiográficos, dentre os quais um dos mais conhecidos no caso deste rei é o *Livro dos Feitos*. Composto originalmente em catalão no final do reinado de Jaime I, aproximadamente entre 1274 e 1276, o *Livro dos Feitos* é conhecido por representar a vida do *Conquistador*, o qual provavelmente ditou seus feitos de guerra que foram textualizados por personagens de sua chancelaria (VILLACAÑAS, 2004; BELENGUER, 2007; CINGOLANI, 2008). Desde então, diversas cópias desta obra foram feitas e, em 1779, já havia catorze objetos existentes e pertencentes a esta tradição textual, tanto manuscritos quanto impressos, os quais se referem aos mais diversos tipos de simbolismos e representações do *Conquistador*. Assim, diversos personagens (*actores* e patrocinadores) no decorrer dos séculos, e devido aos

contextos nos quais se encontravam, realizaram uma busca pelo passado histórico da Coroa de Aragão e encontraram no mesmo a autoridade (*auctoritas*) do rei Jaime I. A construção ou recuperação desta *auctoritas* obedece, portanto, aos contextos históricos de composição destes objetos historiográficos, um dos quais é o ms. 9-4769 da Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid (BRAHM).

Nosso objetivo neste artigo é analisar o ms. 9-4769 da BRAHM, para então nos aproximarmos ao seu provável motivo de composição, ou seja, o seu significado histórico. De acordo com Jaume Aurell, a relação entre um texto e o seu contexto de composição é um aspecto essencial na análise dos textos históricos:

> A análise dos textos históricos deve considerar a contínua relação que se estabelece *entre o texto e o contexto*. Essa ideia tem, não obstante, pouco de pós-moderno ou de neomedievalista, porque a história social da historiografia é algo que os bons historiógrafos sempre trataram de fazer (...): enfatizou-se que a transformação das práticas e das formas literárias da historiografia *remetem automaticamente a uma mutação das condições sociais e políticas do contexto no qual foram articuladas*. As variações formais do texto histórico representam muito mais que umas simples mutações gramaticais ou idiomáticas. (...). *A partir do conhecimento do contexto no qual os textos foram articulados, o historiador é capaz de adentrar-se na intencionalidade, na ideología, na manipulação, nas motivações e nos objetivos dos textos históricos* (...). O texto histórico não é nunca um objeto isolado, inerente em si mesmo, mas sim é essencialmente relacional. Seu significado pleno emerge *somente no momento em que se conhece bem o ambiente e o contexto no qual foi elaborado* (AURELL, 2016, p. 121-122) (o itálico é nosso).[2]

Seguindo a proposta deste artigo, em um primeiro momento faremos uma análise das características paleográficas, codicológicas e textuais do objeto para nos aproximarmos à lógica de sua composição textual e material, para, então, localizarmos aproximadamente o contexto de composição. Em seguida, nos aproximaremos aos aspectos literários da segunda metade do século XVI, com foco no contexto territorial da Coroa de Aragão, analisando algumas das obras produzidas neste contexto e que recuperavam a história deste território. Em um terceiro momento, focaremos nossa atenção na primeira parte do manuscrito, onde analisaremos, no contexto de produção do objeto, a importância da defesa da cidade de Maiorca realizada por Carlos V (1519-1556) e a conquista de Túnis feita pelo imperador, em uma alusão ao passado conquistador do rei Jaime I de Aragão. Por fim, voltaremos nossa atenção para a segunda parte do manuscrito,

2 El análisis de los textos históricos debe tener presente la continua relación que se establece *entre el texto y el contexto*. Esa idea tiene, no obstante, poco de posmoderno o de neomedievalista, porque la historia social de la historiografía es algo que han tratado de hacer siempre los buenos historiógrafos (...): se ha puesto el énfasis en que la transformación de las prácticas y las formas literarias de la historiografía *remiten automáticamente a una mutación de las condiciones sociales y políticas del contexto desde las que han sido articuladas*. Las variaciones formales del texto histórico representam mucho más que unas simples mutaciones gramaticales o idiomáticas. (...). *A partir del conocimiento del contexto desde el que los textos fueron articulados, el historiador es capaz de adentrarse en la intencionalidad, la ideología, la manupulación, las motivaciones y los objetivos de los textos históricos* (...). El texto histórico no es nunca un objeto aislado, inherente en sí mismo, sino que es esencialmente relacional. Su significado pleno emerge *solo en el momento en que se conoce bien el ambiente y el contexto en el que fue elaborado*.

destacando a "tarefa complementar" realizada por Jerônimo Zurita (1512-1580) ao continuar a cópia da vida do rei Jaime I. Para isso, nos apoiaremos nos estudos de diversos autores voltados não somente para uma discussão acerca das características da historiografia medieval, da cronística medieval e da paleografia e da codicologia, mas também voltados para debates em torno ao *Livro dos Feitos*, tais como Soldevila, Chenu, Teeuwen, Aurell, Bruguera e Briquet.

1. O ms. 9-4769 da BRAHM

> Entre as outras [obras] que temos, a mais antiga e de mais certas e verdadeiras relações, e de mais autoridade, é a história que foi composta sobre as façanhas e conquistas do rei Dom Jaime I, que está ordenada em seu nome, e se considera, por certo, que foi o próprio rei quem a compôs, e tendo o autor destes anais conferido as características dela com os registros que existem daqueles tempos, das coisas próprias do mesmo rei, que estão no Arquivo Real de Barcelona e com outros infinitos instrumentos e memórias públicas e autênticas, foi averiguado ser uma verdadeiríssima história (ZURITA apud SOLDEVILA, 1996, p. 178).[3]

Um dos objetos historiográficos da tradição textual do *Livro dos Feitos* passou pelas mãos de um conhecido e importante historiador castelhano: Jerônimo Zurita. Suas palavras, destacadas no fragmento acima, em um texto de Ferran Soldevila (1894-1971), retratam não somente a importância dada à esta tradição manuscrita no século XVI, mas também, e principalmente, a forma pela qual se entendia, no século XVI, a escrita da história deste objeto, ou seja, o manuscrito que conhecemos hoje com o registro 9-4769 da BRAHM: na visão de Zurita, um objeto que foi composto pelo próprio rei *Conquistador*.

O ms. 9-4769 da BRAHM, composto em pergaminho, tem 197 páginas, 484 capítulos[4] e foi composto com dois tipos de letras. A letra que se encontra entre as páginas 1-71 (primeira parte do manuscrito) é uma cursiva[5] e a que se encontra entre as páginas 72-197 (segunda parte do manuscrito) é uma livresca,[6] o que indica que o manuscrito foi produzido em dois momentos distintos. Em termos paleográficos, segundo Bruguera, as duas letras são da primeira metade do século XVI (*Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, 1991, p. 12). Ao analisar o manuscrito *in situ*,

3 Entre las otras que tenemos, la más antigua y de más ciertas y verdaderas relaciones, y de más autoridad, es la historia que se compuso de las hazañas y conquistas del rey don Jaime el primero, que está ordenada en su nombre, y se tiene comúnmente por cierto que el mismo rey fue el que la compuso, y habiendo el autor de estos Anales conferido las más cosas de ella con los registros que ay de aquellos tiempos, de las cosas del estado del mismo rey, que están en el Archivo Real de Barcelona y con otros infinitos instrumentos y memorias públicas y auténticas, ha averiguado ser una verdaderísima historia.

4 Ainda que Jordi Bruguera em sua descrição do manuscrito utilize a terminologia "fólios", ao consultar este manuscrito *in situ* comprovamos que foi utilizada uma numeração moderna de páginas e não de fólios (recto-verso). Assim, neste caso citaremos as páginas que encontramos.

5 O ms. 9-4769 da BRAHM pode ser consultado online. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/chronica-del-rey-don-jayme-de-aragon-manuscrit--0/html/01e157b4-82b2-11df-acc7-002185ce6064_76.html Acesso em: 11 mai. 2019.

6 Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/chronica-del-rey-don-jayme-de-aragon-manuscrit--0/html/01e157b4-82b2-11df-acc7-002185ce6064_77.html Acesso em: 11 mai. 2019.

podemos observar que o *actor* da primeira parte foi menos cuidadoso que o *actor* da segunda parte. Por exemplo, o *actor* da segunda parte segue perfeitamente a caixa de escrita (ARNALL i JUAN, 2002, p. 52) começada pelo primeiro, o qual, em diversos momentos, ultrapassou o limite da mesma, sobretudo na margem direita. Em diversas páginas, o primeiro *actor* não acabou de compor as letras capitulares nos começos dos parágrafos. Uma das informações mais importantes acerca destas letras é que as glosas encontradas neste manuscrito fazem referência a Jerônimo Zurita, como destaca Bruguera (*Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, 1991, p. 12).

Seu *incipit* e *explicit* são apresentados da seguinte forma:

> *Incipit*: Este é o começo do prólogo sobre o livro que foi feito pelo rei Dom Jaime, pela graça de Deus rei de Aragão, de Maiorca e de Valência, conde de Barcelona e de Urgel, e senhor de Montpelier, sobre todos os feitos e graças que nosso senhor lhe fez durante sua vida. *Incipit prologus* / *Explicit*: E aqui em Valência, no dia 27 de julho de 1276, o nobre rei Dom Jaime, pela graça de Deus rei de Aragão, de Maiorca e de Valência, conde de Barcelona e de Urgel, e senhor de Montpelier, passou deste século, cuja alma, pela misericórdia de Deus, sempre descansará. Amém.[7]

As filigranas do ms. 9-4769 que estão presentes nas páginas 77, 79, 81, 93, 97, 101, 103, 107, 113, 115, 119, 129, 133, 135, 137, 139, 141, 153, 157, 159, 161, 163, 165, 175, 179, 183, 187, 189, 181, 195,[8] 199, 203 e 207 são muito semelhantes às dos registros 3256 e 3263 segundo o catálogo de Briquet, as quais seriam, respectivamente, dos anos 1543 e 1555 (BRIQUET, 1968, p. 218).[9]

Tais filigranas aparecem somente na parte composta pelo segundo *actor*, onde encontramos uma letra humanística livresca, ou seja, as mesmas coincidem com o término da narrativa sobre a conquista da ilha de Maiorca e o início da narrativa sobre a conquista de Valência feitas pelo rei Jaime I de Aragão:

Tabela 1
Características textuais, paleográficas e codicológicas do ms. 9-4769 da BRAHM

Partes	Descrição	Tipo de letra	Anos das filigranas	Páginas do manuscrito
1	Do começo do *Livro dos Feitos* até o início narrativa sobre a conquista de Maiorca	Humanística cursiva	Não apresenta filigranas	1-71
2	Do começo da narrativa sobre a conquista de Valência até o final do *Livro dos Feitos*	Humanística livresca	1543-1555	72-197

7 *Incipit*: "Aquest és lo començament del pròlech sobre el libre que féu el rey En Jacme, per la gràcia de Déu rey de Aragó e de Mallorques e de Valèntia, comte de Barcelona e d'Urgell, e senyor de Montpeller, de tots los fets e de les gràties que nostre senyor li féu en la sua vida. Íncipit prologus." / *Explicit*: "E aquí en València, en l'any de M.CCLXXVI, sexto kalendas augusti, lo noble En Jacme, per la gràtia de Déus rei d'Aragó e de Mallorques e de València, comte de Barcelona e de Urgell, senyor de Muntpeller, passà d'aquest segle, cuius anima per misericòrdia Dei sempre sine requiescat impare. Amen."

8 Devemos destacar que no arquivo *online* onde se pode consultar este manuscrito somente está disponível até a página 198; as demais páginas, entre a 198 e 207, são destacadas porque consultamos o mesmo *in situ*.

9 A obra de Charles M. Briquet, importante para estudos de caráter codicológico, pode ser consultada *online*. Disponível em: https://doc.rero.ch/record/23217/files/ob_447_1.pdf Acesso em: 11 mai. 2019.

Assim, este manuscrito apresenta, em sua composição, uma coincidência entre as perspectivas textual, paleográfica e codicológica: ao lado da divisão textual há uma divisão codicológica (presença das filigranas) e paleográfica (tipologia das letras utilizadas). Há uma coincidência de limites textuais, paleográficos e codicológicos, o que faz com que, em comparação com os demais objetos da tradição textual do *Livro dos Feitos*, o processo de composição do ms. 9-4769 da BRAHM tenha sido singular, já que os demais objetos da tradição textual foram compostos *materialmente* de uma única vez.

Entre estas duas partes há algumas diferenças que chamam a atenção em um primeiro momento. Por exemplo, a forma de composição das letras capitulares. Na primeira parte do manuscrito, há um esforço para realizar a composição das mesmas, quase sempre em um estilo rústico, embora haja algumas destacáveis, como, por exemplo, a letra capitular do prólogo,[10] do capítulo 1[11] e do capítulo sobre a conquista de Maiorca.[12] Por outro lado, na segunda parte do manuscrito, o segundo *actor* não se preocupou muito com a composição gráfica das letras capitulares.

Em termos filológicos, Jordi Bruguera, ao colacionar o ms. 9-4769 com os outros manuscritos da tradição textual que utilizou em sua edição do *Livro dos Feitos*, chegou à conclusão de que as variantes textuais deste manuscrito faziam referência aos manuscritos 1734 da Biblioteca de Catalunya, II-475 da Biblioteca del Palacio Real de Madrid, 10121 da Biblioteca Nacional de España e à edição R-15398 da Biblioteca Nacional de España, ou somente ao ms. 1734 da Biblioteca de Catalunya quando este se separava dos outros (*Llibre dels Fets del Rei En Jaume I*, 1991, p. 12).

Embora o manuscrito tenha sido composto por dois *actores*, ambos atos de cópia foram muito próximos no tempo, já que utilizaram letras humanísticas de tipologias distintas, cursiva e livresca (ver tabela 1). A página 71 apresenta o último parágrafo da narrativa sobre a conquista de Maiorca onde acaba a primeira parte textual, codicológica e paleográfica. Portanto, podemos afirmar que o primeiro *actor* estava interessado pelo menos nesta parte da narrativa sobre a vida do rei Jaime I.

Tendo constatado as diferenças entre a primeira e a segunda parte do ms. 9-4769 da BRAHM, devemos elaborar algumas questões que servirão de norte para a nossa problemática: por que o primeiro *actor* se interessou pela vida do *Conquistador* somente até as informações sobre a conquista de Maiorca? E por que o segundo *actor* fez, mais precisamente, uma "tarefa

10 Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/chronica-del-rey-don-jayme-de-aragon-manuscrit--0/html/01e157b4-82b2-11df-acc7-002185ce6064_6.html Acesso em: 11 mai. 2019.
11 Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/chronica-del-rey-don-jayme-de-aragon-manuscrit--0/html/01e157b4-82b2-11df-acc7-002185ce6064_6.html Acesso em: 11 mai. 2019.
12 Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/chronica-del-rey-don-jayme-de-aragon-manuscrit--0/html/01e157b4-82b2-11df-acc7-002185ce6064_33.html Acesso em: 11 mai. 2019.

complementar" de completar um manuscrito já começado? Em termos gerais, por qual motivo houve a composição de um manuscrito que recuperava a vida (entenda-se, *auctoritas*) do rei Jaime I de Aragão na primeira metade do século XVI? Quais foram os motivos de composição do ms. 9-4769 da BRAHM? Para responder a estas perguntas será necessário nos voltarmos para a relação entre o passado e o presente na literatura do século XVI produzida nos territórios da Coroa de Aragão.

2. O vínculo entre o passado e o presente na literatura do século XVI na Coroa de Aragão

Observamos que as informações paleográficas e codicológicas do ms 9-4769 da BRAHM nos levam para o século XVI. Considerando o território de produção do manuscrito, ou seja, a Coroa de Aragão, nos voltaremos para o contexto histórico do governo do imperador Carlos V em relação a este território. Portanto, tentaremos nos aproximar ao ambiente literário deste contexto na Coroa de Aragão. Algumas obras literárias que foram publicadas durante o século XVI representam uma busca por um passado no qual se destaca o protagonismo histórico deste território. A expansão pelo Mediterrâneo e sua dominação política, por exemplo, é um dos temas que são retratados nestas obras. Tais temas estavam presentes na literatura do século XVI, em um contexto simbolicamente reivindicativo, e foram revividas com mais intensidade no século XVII.

Desde a morte do rei Jaime I de Aragão (1276) até o início do reinado de Carlos V o Imperador (1519) passaram-se mais de 240 anos. Mesmo depois de sua morte, os feitos do *Conquistador* foram recordados em memórias, crônicas, imagens, esculturas e obras literárias, de forma que seus feitos de guerra formavam parte do comportamento político e cultural e memorialístico da Coroa de Aragão. Em termos historiográficos, a lembrança do passado formava parte do imaginário coletivo deste território por meio da acumulação e transmissão dos feitos (ASSMANN, 1995, p. 125-133), transmitidos como tais ou manipulados segundo o contexto no qual eram recuperados (AVILÉS FERNÁNDEZ, 1983, p. 107-126).

Na busca pelo passado medieval dos territórios que formavam parte da Coroa de Aragão tentava-se estabelecer as bases fundamentais e originais dos seus reinos. A busca pelo passado concentrava-se em diversos estratos do passado, condicionados não somente pela história do território, mas também pela influência dos patrocinadores e *actores* das obras produzidas. Não podemos esquecer o particularismo territorial literário que havia nesta época, quando se tentava reviver o passado historiográfico através da publicação de obras que faziam referência ao passado de um território em específico. Por exemplo, algumas obras elaboradas na Coroa de Castela tentaram proporcionar uma história na qual houvesse uma assimilação deste território com o

topônimo "España", com o intuito de se criar um sentimento de pertença territorial mais ampla (GENÍS I MAS, 2012, p. 24). Algumas destas obras foram os *Los cinco libros primeros de la Crónica General de España* (1543) de Florián de Ocampo (1499-1558), o *Libro de las grandezas y cosas memorables de España* (1548) de Pedro de Medina (1493-1567) e a *Summa de Varones Ilustres* (1551) de Juan Sedeño de Arévalo (s. XVI). Os cronistas na Coroa de Aragão, por outro lado, buscaram informações no passado histórico do seu território para combater as intenções dos cronistas castelhanos em identificar a história da "España" com a história da Coroa de Castela (GENÍS I MAS, 2012, p. 30). Podemos afirmar, portanto, que havia um tipo de "patriotismo cultural" que – apesar do possível anacronismo e, por isso, com as devidas nuances – pode ser interpretado como um "fator de autoafirmação política e nacional" (SIMON I TARRÉS, 2009, p. 406) e que estava presente nas composições historiográficas da época.

Há diversas produções historiográficas que foram compostas no século XVI no território da Coroa de Aragão que são exemplos da literatura memorialística do território. A seguir, destacaremos as obras de Pere Tomic (s. XV-c.1481) intitulada *Històries e conquestes dels reyes d'Aragó e comtes de Barcelona* – que teve duas edições, a de 1519 e a de 1534 –, e a de Cristòfol Despuig (1510-1574), *Col·loquis de la insigne ciutat de Tortosa* (1557), principalmente por apresentarem em seus conteúdos uma preocupação em destacar as origens históricas dos territórios da Coroa de Aragão.

A crônica de Pere Tomic, *Històries e conquestes dels reyes d'Aragó e comtes de Barcelona*, foi composta em 1438 e impressa duas vezes, em 1519 e em 1534. Sobre o exemplar de 1534, algumas informações que se encontram na epístola da edição se destacam. O editor, Martí d'Ivarra (s. XV-1557), que direciona a epístola às Cortes de Monzón dos anos 1533-1534, e que depois foi publicada na edição do texto de 1534, dirigida ao "spectable senyor don Galceran de Cardona", começa a mesma explicando o motivo da publicação da edição, a qual foi composta:

> Para que em nosso tempo fossem reconhecidas, de forma clara, as ações e as batalhas dos antigos condes e reis espanhóis como no início do nosso tempo presente. Pois é algo que não deve ser esquecido: quantas virtudes dos magnânimos Folcs, ilustres duques de Cardona, dos quais vossa senhoria é luz, e nelas se escrevem. E sabemos o quanto isso é assegurado em letras e histórias latinas. Pois, quando Alexandre, filho do rei Felipe da Macedônia, foi na Alemanha, assim como aquele cavaleiro que aparece em Plutarco, levava consigo o poeta Homero, porém, não como companheiro preguiçoso, mas sim com bons e preparados conselhos. *E é certo que, quem leu as crônicas dos reis gregos os atos memoráveis dos reis, cônsuls e imperadores romanos, deve ler as conquistas e histórias da Catalunha e de Aragão* (IVARRA, 1970, p. 8).[13] (O itálico é nosso).

13 Perq[uè] en tal temps reconegués así com en un mirall clar los actes e batallas dels antics Comtes e Reys Hespanyols com principis dels presents. Que no és qui ignor: quantas virtuts dels magnànims Folcs illustres Ducs de Cardona, dels quals vostra Senyoria és lum, en aquellas s'escriuen. E sabem quant arra letras e històrias latinas. E aprés que fou en Alemanya gregas, com caualler qui ha legit en Plutarcho, que aquell Alexander, fill de Phelip Rey de Macedonia, portaua ab si lo poeta Homero per companyó no pereros, més de bons e promptes consells. *E per cert qui lig las chronicas dels Reys grecs, y los actes memorables dels Reys, Cònsols y Emperados Romans deu legir las conquestas e històrias de Catalunya e Aragó*.

Esta epístola é, portanto, um documento político que foi publicado juntamente com o documento histórico *Històries e conquestes dels reyes d'Aragó e comtes de Barcelona*, fato que ilustra o inegável vínculo que havia entre política e história nas produções literárias do século XVI. De acordo com Peter Burke, a relação entre o campo histórico e político no contexto do Renascimento deve ser compreendida no sentido de que a história era escrita para educar os indivíduos pertencentes aos grupos sociais vinculados ao poder, os quais consideravam o passado como um exemplo de destreza política (BURKE, 2013, p. 146).

De acordo com a epístola de Ivarra, a relação entre a história dos tempos antigos e a história dos territórios da Coroa de Aragão é clara: os nobres que se educavam lendo os feitos dos reis da Antiguidade também deveriam ler as crônicas dos seus antepassados da Catalunha e de Aragão. Assim, lendo estes documentos, a nobreza encontraria um vínculo entre os primeiros líderes do território e o seu contexto atual, ou seja, o reinado de Carlos V. Por exemplo, ao comentar sobre a cidade de Barcelona, Ivarra destaca o vínculo entre o passado e o presente na história do território:

> Nem é menos imortal aquele primeiro pai desta insigne cidade, Guifredo, do castelo de Arriá no Conflent, o qual foi o primeiro a ser estabelecido pelo rei Luis da França, filho de Carlos Magno, a governar esta cidade. *Do qual descendem dez condes de Barcelona e quinze reis de Aragão até o atual imperador* [Carlos V] (...). Nem é menos ilustre Guifredo, o Peludo, primogênito daquele, o qual, para defender esta terra dos mouros, foi instituído pelo mesmo rei, Luis, como o primeiro conde de Barcelona (...). E, para não faltar, finalmente aquele que, além das três coroas e outras vitórias, fato que Deus onipotente costuma conceder a poucos, encontra-se mais representado no presente que o próprio imperador Otávio Augusto, ou seja, o triunfante Carlos César [Carlos V], que derrotou, no sítio de Viena, o infante e príncipe dos Turcos, Solimão, e que é mais superior que o Rei Alexandre o Grande, que teve como principal conquista a vitória sobre o poderoso rei dos persas, Dario.[14] (O itálico é nosso).

Este documento político, vinculado a um documento histórico, apresenta a continuidade da linhagem dos condes de Barcelona e reis de Aragão até o imperador Carlos V, concectando, assim, o passado e o presente da história do território da Coroa de Aragão. Portanto, o texto que acompanha as *Històries e conquestes dels reyes d'Aragó e comtes de Barcelona*, enviado às Cortes de Monzón no ano 1533 e publicado no ano seguinte, estabelece a recordação deste passado distante. Ao recordar este vínculo, Ivarra desejava destacar a dinastia dos condes de Barcelona e reis de Aragão e vinculá-la ao imperador Carlos V, fato entendido quando lemos a frase destacada

14 Ni és manco inmortal aquell primer pare de aquesta insigne ciutat, Grifà, del castell de Arrià en Conflent. Qui primer per lo Rey Luys de Franca, fill de Carles Maynes, la governa. *Del qual deuallen deu Comtes de Barcelona e quinze Reys de Aragó fins lo present Emperador* (...). Ni és manco illustre Grifà Pelós primogenit de aquell, qui per bé defensar dels Moros aquesta terra, fou creat per lo matex Rey Luís primer, Comte de Barcelona. (...) E no callant, finalment aquell de qui ultra las tres coronas, e altras victorias, quals deu omnipotent a pocs acostuma donar, *se troba més que scriure fins al present*, que de l'Emperador Octavia Augusto, lo triumphamt Carles César debellat en lo siti de Viena lo infant el Princep dels Turcs Solymano, és més superior que egual al Rey Alexander. Vençut ab la major de lurs victòrias lo potent Rey dels persas, Dario.

no documento acima: "Do qual descendem dez condes de Barcelona e quinze reis de Aragão até o atual imperador [Carlos V]".

Outro texto que apresenta a mesma característica de vínculo entre o presente e o passado e que foi escrito no século XVI no território da Coroa de Aragão foi a obra denominada *Col·loquis de la insigne ciutat de Tortosa*. Seu *auctor*, Cristòfol Despuig, expõe algumas questões, como, por exemplo, a unidade e o louvor à língua catalã, a defesa do território catalão diante das pretensões literárias da Coroa de Castela e as origens lendárias do território da Catalunha. O que mais se sobressai em sua obra é a posição política que apresenta, já que afirma que a "España" deveria integrar todos os povos que formavam parte da mesma realidade territorial, porém, conservando as diferenças culturais, sem que nenhuma das partes renunciasse a sua identidade (TRES, 1996, p. 5-35). Dessa forma, destaca-se na narrativa da obra o particularismo histórico-territorial que a mesma apresenta. Ainda que tenha sido escrita em um momento de transição do governo do imperador Carlos V para o reinado de Felipe II (1556-1598), a obra serve como exemplo para identificar os temas conflitivos no Principado da Catalunha em um contexto no qual a literatura em catalão passava por um momento de falta de produção literária em comparação com séculos anteriores (GARCIA SEMPERE e WILKINSON, 2011, p. 51-79).

Xavier Baró i Queralt indica quais eram os temas que tratavam sobre as lendas analisadas pelos historiadores dos séculos XVI e XVII: 1) as especificidades das virtudes do Pincipado da Catalunha como território; 2) o Principado da Catalunha como o primeiro território cristão da Península Ibérica e; 3) as origens carolíngias do Principado. Devemos recordar também o debate entre os historiadores castelhanos e os da Coroa de Aragão sobre o conceito de "España", o qual explicamos anteriormente, e a tentativa destes últimos em mostrar a especificidade da formação territorial dos territórios que formavam a Coroa de Aragão (BARÓ I QUERALT, 2005, p. 119-121). Havia, então, uma tendência a escrever a história dos territórios recorrendo às lendas conhecidas com o intuito de recordar o passado do mesmo, não somente desde uma perspectiva interna, preocupada com as origens, mas também externa, disposta a combater os ataques literários dos cronistas castelhanos, como destaca Eulàlia Duran:

> As lendas explicam, a sua maneira, verdades difíceis de analisar. Foram utilizadas por razões políticas e manipulações, frequentemente, como reação à competição com os vizinhos territoriais: castelhanos, franceses, italianos. São um material especialmente idôneo para o estudo do imaginário. Em alguns momentos, tiveram um relevo especial que ultrapassou o nível erudito, invadiram as ruas e foram tratadas pelos poetas (DURAN, 1991-1992, p. 17).[15]

15 Les llegendes expliquen a llur manera veritats difícils d'analitzar. Han estat utilitzades per raons polítiques i esgrimides, sovint, com a reacció de competència amb els veïns: castellans, francesos, italians. Són un material especialment idoni per a l'estudi de l'imaginari. En alguns moments han pres un relleu especial que ha ultrapassat el nivell erudit, ha envaït els carrers i ha estat tractat pels poetes.

A presença das obras de Tomic – com a epístola de Ivarra – e Despuig no cenário historiográfico do século XVI, ilustra que a busca pelas origens foi um tema comum na literatura do século XVI no território da Coroa de Aragão. Sob a influência da erudição humanística da época, as produções literárias se direcionavam a um passado distante, que às vezes transpassava as fronteiras das origens territoriais. É, portanto, dentro desta reflexão entre presente e passado na historiografia do século XVI que devemos pensar a composição da primeira parte do ms. 9-4769 da BRAHM, que resgata, de forma literária, a primeira grande conquista do rei Jaime I de Aragão, ou seja, a conquista de Maiorca, realizada em 1229 pelo *Conquistador*, em um contexto no qual Carlos V realizava a campanha de Túnis, em 1535.

3. Dois acontecimentos, dois conquistadores e o vínculo entre os mesmos: a campanha de Maiorca (1229) e a campanha de Túnis (1535)

Os ataques e as defesas contra os muçulmanos foram ações constantes durante o reinado de Carlos V. Na primeira metade do século XVI havia um equilíbrio de forças no Mediterrâneo que fazia com que o predomínio naval, fosse cristão ou muçulmano, resultasse determinante no exercício do poder (JUAN VIDAL, 2001, p. 541-589). Neste contexto, Carlos V era visto como um defensor da santa fé católica e das terras cristãs na sua luta contra os muçulmanos, como explica o documento abaixo:

> Sacra, Cesárea e Católica Magestade. Recebi a carta de Vossa Cesárea Magestade, e beijo seus pés e mãos imperiais, pelo santo propósito e intenção que tem em *resistir e expulsar o grande Turco e os infiéis inimigos da santa fé católica das terras dos cristãos*. Todos nós rogamos a Deus em orações, sacrifícios, súplicas e em procissões, que se fizeram com muito fervor e devoção, para que Vossa Magestade guarde e prospere, por muitos e prósperos tempos, e que tenha a Sua mão para que consiga a vitória contra os ditos infiéis, coisa que espero em Deus, que é a causa, de acordo com o católico propósito de Vossa Magestade, que assim o fará (...). Valladolid, 12 de dezembro de 1526 (Corpus documental de Carlos V, 1516-1539, p. 120).[16] (o itálico é nosso).

Se examinarmos a política de Carlos V no Mediterrâneo no início do seu governo, constataremos que foi mais defensiva que expansionista, como é demonstrado pela defesa do Reino de Maiorca. Diferentemente das gestas dos seus antepassados, conquistadores e reconquistadores, o imperador estabeleceu uma política pensada mais para a defesa e para a manutenção dos lugares

16 Sacra Cesarea Cathólica Magestad: Recibí la letra de V. Cesarea Magt. y beso sus pies e ymperiales manos por el sancto proposito e yntención que tiene *en resistir y expeller el grand Turco e ynfieles enemigos de la santa fé cathólica de las tierras de los christianos*. Todos rogamos a Dios en oraciones, sacrificios, plegarias y en processiones, que se han hecho con mucho heruor e deuoción, guarde y prospere a Vuestra Sacra Magt. por muchos y prósperos tiempos y le tenga de su mano para que consiga victoria de los dichos ynfieles, lo qual yo espero en Dios cuya es la causa, segund el cathólico proposito de V. Magt. lo hará asy (...). De Valladolid a XII de Deciembre, 1526.

que formavam parte do seu império que para a expansão territorial. Como havia outros problemas aos quais o imperador deveria dar atenção, a questão do Mediterrâneo ficou em segundo lugar nos seus planos políticos. Assim, a sua política imperial não pode contar com o suporte de todos os reinos cristãos, fato que lhe impediu de se opor aos muçulmanos e defender a *universitas christiana* (JUAN VIDAL, 2001, p. 546).

Atendendo aos pedidos de sua esposa, Isabel de Portugal (1503-1539), e dos governantes de Maiorca, Menorca e Ibiza para que atuasse contra os ataques persistentes dos turcos contra as baleares (JUAN VIDAL, 2001, p. 551-552), em 1535 o imperador decidiu atacar um dos locais onde se concentravam as forças muçulmanas: Túnis. Assim, "su Mag. ha determinado de hacer una armada gruesa de muchas galeras (...) de manera que sea tan poderosa o más que la de los enemigos para que se pueda ir a buscar aquella y con ayuda de Nuestro Señor romperla y deshacerla o echarla de los mares de sus Reinos y de la Christiandad (...)." (JUAN VIDAL, 2001, p. 558).

A conquista de Túnis foi uma resposta necessária aos problemas que o império de Carlos V deveria resolver no Mediterrâneo contra a presença turca. Nesta época, a luta entre cristãos e turcos era tão persistente que no ano 1529, anos antes do ataque do imperador contra Túnis, Joan Lluís Vives (1493-1540) escreveu duas obras sobre este conflito, o *De pacificatione* e o *Esset quam misera vita christianorum sub Turca* (LLUÍS VIVES, 1997). Em um contexto no qual a presença do inimigo religioso ainda estava nas terras ibéricas, o imperador propôs lutar contra os mesmos como um defensor da Cristandade, assumindo a função que seus antepassados condes-reis da Coroa de Aragão tiveram.

Afligida pelos problemas causados pelo inimigo, em 1532 a imperatriz enviou uma carta ao arcebispo de Toledo solicitando que continuasse com "plegarias, sacrificios y otras oraciones en todas las Iglesias" (*Colección de documentos inéditos para la historia de España*, 1842, p. 149-150) para que Deus desse a vitória aos cristãos, um feito que mostra que este perigo era constante naquela época. Além disso, a carta da imperatriz para o arcebispo de Toledo nos revela que, a fim de poder responder a estes ataques, entre os anos 1529 e 1530 foi decretado o imposto de uma quarta parte dos ingressos eclesiásticos, estabelecido por meio de uma bula papal (*Colección de documentos inéditos para la historia de España*, 1842, p. 140-143). Depois de diversos incidentes marítimos ocorridos nas tentativas de invadir as terras do império, a conquista de Túnis em 1535 representou uma das ações militares mais importantes de Carlos V, até o ponto que Pedro Girón (1423-1466) comparou o imperador com Cipião (236 a.C-183 a.C) e Aníbal (247 a.C-183 a.C): "en este poco tiempo se ha mostrado tan esforçado y se ha puesto tan adelante en los peligros, que no convenía para su persona, aunque su esfuerço real y ánimo de cristiano no le dexa hazer otra cosa, y tan sabio y diligente en la guerra que ni Cipión ni Aníbal le hazen ventaja." (GIRÓN, 1964, p. 59).

Esta empresa teve como resultado a recuperação da localidade de Túnis por uma esquadra comandada pessoalmente pelo imperador, imitando, assim, as gestas dos seus antepassados, como, por exemplo, o rei Jaime I o *Conquistador* em 1229 ao conquistar a cidade de Maiorca. Além disso, este feito fez com que as bulas papais considerassem Carlos V como o líder dos cruzados contra o inimigo da fé cristã (BORAFULL Y SANS, 1895, p. 18; 85-86). Ao mesmo tempo, o feito acabou com a situação de precariedade que o império sofria por causa da queda da influência no norte da África desde 1516. Podemos afirmar, portanto, que aquela sociedade ainda enaltecia os feitos militares (ÁLVAREZ, 2001, p. 487-488, 491), sobretudo os vinculados ao passado territorial, e lentamente configurava-se uma identidade regional favorecida pelas condições sociais e políticas. Consciente da importância que tinha a sua presença na defesa dos seus territórios, Carlos V se considerava como o defensor dos seus territórios e da Cristandade:

> Considerando a importância desta empresa e o que dela espera toda a Cristandade, principalmente nossos Reinos e Estados, autoridade e reputação, ainda que pelo grande amor que temos a estes ditos Reinos e aos naturais deles, pela sua grandeza, nobreza e fidelidade, e pelo íntimo amor que têm para conosco (...), *irei a cidade de Barcelona para acabar de expedir e colocar em ordem a dita armada, assim como para favorecê-la em seu esforço, para estar mais próximo e para poder melhor observar, prover e fazer desde ali, de acordo com as empresas que os inimigos desejariam e poderiam fazer, o que convem a bondade, defesa, segurança e repouso dos nossos Reinos e da Cristandade*, e para evitar inconvenientes e danos que de outra forma poderiam suceder, e até embarcar, se for necessário, para estes feitos ou outros que poderiam acontecer. (Corpus documental de Carlos V, 1975, p. 410).[17] (Os itálicos são nossos).

Estando presente em Barcelona em 9 de maio de 1535, o imperador enviou uma carta aos seus súditos na qual lhes comunicava sobre a chegada do almirante otomano Khizr Reis, também conhecido como Barba Ruiva (1475-1546), "o inimigo comum da república cristã". Havia, então, um inimigo que representava a oposição à fé cristã e às intenções de Carlos V. O príncipe de Melfi, Andrea Doria (1466-1560), e o rei de Portugal, João III (1521-1557) lhe ajudariam nesta empresa (*Colección de documentos inéditos para la historia de España*, 1842, p. 154-160). O imperador mobilizou uma quantidade considerável de contingente e reuniu um exército formado por alemães, italianos, castelhanos e portugueses (ÁLVAREZ, 2001, p. 497). Entretanto, o resultado da empresa realizada no Mediterrâneo não lhe foi suficiente, já que o mesmo não pode se dedicar como os seus súditos poderiam ter desejado (MESTRE ZARAGOZA, 2008, p. 77). Por outro lado, também se dirigiu aos membros da *Diputació* do Principado da Catalunha mediante uma carta, datada da

17 Considerando la importancia desta empresa, y lo que en ella va a toda la Cristiandad y principalmente a nuestros Reinos y Estados, autoridad y reputación, aunque por el gran amor que tenemos a estos dichos nuestros Reinos y a los naturales dellos, por su grandeza, nobleza y fidelidad y por el entrañable amor que nos tienen (...), *he determinado de ir a la ciudad de Barcelona, así para acabar de expedir y poner en orden la dicha armada, como para darla favor y esforzarla y estar más cerca y poder mejor mirar, proveer y hacer desde allí, según las empresas que los enemigos querrán y podrían hacer, lo que conviniere al bien, defensión, seguridad y reposo de nuestros Reinos y de la Cristiandad* y para obviar a los inconvenientes y dagnos que de otra manera podrían subceder y de embarcarme, si viere ser nescesario para estos efectos, o otros que se podrían ofrescer.

mesma data destacada acima (9 de maio de 1535), avisando-lhes sobre as novidades que chegavam do norte da África:

> Veneráveis, magníficos, amados e fiéis nossos: já entendeis como, tendo ordenado construir uma forte armada para resistir e atacar aquela que trouxe Barba Ruiva para nos invadir, o qual foi ordenado pelo Turco *inimigo comum da república Cristã*, e principalmente, invadir nossos Reinos, viemos a esta cidade para apressar a expedição da mesma e para prover melhor o que convêm a defesa e segurança de nossos reinos e da Cristandade. Agora, encontrando-nos aqui e estando as provisões da dita armada preparadas, as quais, com a ajuda de Nosso Senhor se reunirá em poucos dias, e sendo tão poderosa de navios, de gentes e de outras provisões, como para tal empresa se requer, e importando aquela tanto como importa ao serviço de Nosso Senhor e a defesa e benefício comum da república cristã, e particularmente de nossos reinos, assim como a nossa reputação, parece conveniente determinamos que embarcaremos na armada para prover melhor, com nossa presença, o que para todos os ditos efeitos forem necessários, e assim visitar, se houver oportunidade, os nossos Reinos de Nápoles, Sicília e Sardenha. Para isso, nos deteremos o menor tempo possível, entendendo que agrada a Nosso Senhor retornar a estes Reinos, posteriormente, o mais rápido possível, para podermos estar neles com mais tranquilidade, e entender no que convêm ao bem público dos mesmos, o qual, durante a nossa ausência, não nos faltará cuidado que a sua grandeza merece. Assim, para a vossa consolação, avisamos que, entretanto, deixaremos a sereníssima Imperatriz e Rainha, minha muito cara e muito amada esposa, como nosso lugar-tenente, a qual não vos ama menos que nós e que vos dará o que convêm. Assim, encarregamos e ordenamos que vós obedeceis, sirvais e cumprais seus mandamentos, assim como se fossem de nossa pessoa, pois confiamos em vós, e que vivais toda tranquilidade e sossego, que deixamos provido e dado ordem com nossos vice-reis e lugar-tenentes, o que convêm para a segurança deles. Barcelona, 9 de maio de 1535. Eu, o Rei. (BOFARULL Y SANS, 1895, p. 18).[18] (os itálicos são nossos).

O conteúdo desta carta nos faz perceber que o imperador Carlos V realizou esta empresa motivado pela ideia que o seu projeto de império tinha fundamentos religiosos. Assim, ao tentar restaurar a *universitas christiana*, pretendia transformar o seu império no centro do mundo cristão (DE LAS HERAS, 2000, p. 50-56). A empresa ocorreu entre o final de maio e meados de agosto do ano 1535, porém, em primeiro de setembro deste mesmo ano Barba Ruiva voltava a atacar e saquear a ilha de Maiorca e demonstrava que o ataque do imperador a Túnis não lhe havia afetado (JUAN VIDAL, 2001, p. 541-589). Mesmo assim, para efeitos de propaganda, o êxito da conquista

18 Venerables, magníficos, amados y fieles nuestros: ya teneis entendido como haviendo mandado hazer armada gruessa para resistir y offender la que Barbaroxa traxo del Turco *enemigo comun de la republica Cristiana* para invadir en ella y principalmente en nuestros Reinos, venimos a esta Ciudad para dar prissa en la expedición della y proveer mejor lo que convieesse á la deffensión y seguridad de nuestros Reinos y de la Crestiandad. Agora hallandonos aquí y stando ya las provisiones de la dicha armada en terminos que con ayuda de Nuestro Señor se juntara toda con muy poco spacio de días y siendo tan poderosa de navios y gente y otras provisiones como para tal empresa se requiere y importando aquella tanto como importa al servicio de Nuestro Señor y á la deffensión y benifficio comun de la republica crestiana, y particularmente de nuestros reinos, y a nuestra reputación, ha aparecido convenir y havemos determinado embarcar-nos en el armada para proveer mejor con nuestra presencia lo que para todos los dichos effectos fuere necessario, y visitar de camino si la opportunidad se offresciere los nuestros Reynos de Nápoles y Sicilia y Cerdenya y esto hecho en lo qual nos deternemos el menos tiempo que sea possible, entendemos plaziendo á nuestro Señor volver á estos Reynos lo mas presto que podrá hazer para estar en ellos con mas reposo, y entender en lo que convenga al bien público dellos de lo qual durante nuestra ausencia no nos faltara el cuydado que su grande meresce, de lo qual por vuestra consolación, nos ha parecido daros aviso, que entretanto la sereníssima Emperatriz y Reina mi muy cara y muy amada muger á quien dexamos por nuestro lugarteniente que nomenos que nos los ama lo terna de lo que conveniere, á la qual os encargamos y mandamos obedezcais y sirvays y cumplays sus mandamientos como los de nuestra misma persona segun de vosotros lo confiamos y vivais en toda tranquilidad y sosiego, que nos dexamos proveydo y dado orden con nuestros visoreyes lugartenientes lo que conviene para seguridad dellos. Data en Barcelona á VIIII del mes de Mayo del año de mil DXXXV. Yo el Rey.

foi recuperado durante muito tempo no contexto literário, como podemos ver na *Historia de la insigne ciudad de Segovia y compendio de las historias de Castilla*, de Diego de Colmenares (1586-1651), publicada no ano 1637, na qual ainda se louvava o valor da luta contra os muçulmanos representados por Barba Ruiva:

> Barba Ruiva, conhecido corsário, com uma grande armada do Grande Turco, cujo general lhe fizeram pelo seu valor e fortuna, roubando das costas da Itália e molestando o mar Mediterrâneio, ocupou o reino e cidade de Túnis, retirando-lhe a Muley-Hazén. O qual, despossuído, pediu favor ao imperador Carlos V, o qual, movido pelos rogos e pela sua inclinação, prevendo como era prudente a importância de se desarmar aquele tirano, *inimigo cruel do nome cristão, mas atento a este proveito para a sua autoridade imperial, foi em pessoa a África contra o corsário no mês de junho do ano mil e quinhentos e trinta e cinco*. Conquistou Goleta e desbaratou e afugentou a Barba Ruiva que, valente, se apresentou em campanha contra a pessoa e as bandeiras imperiais, assegurando esta glória ao seu valor. Quando o corsário fugiu, o César entrou em Túnis, de onde libertou das masmorras cerca de vinte mil escravos cristãos que, uma vez livres e contentes, espalhou com a glória de sua fama pela Europa. (COLMENARES, 1969-1974, cap. XL, I).[19] (os itálicos são nossos).

Colmenares apresenta a sua versão dos acontecimentos e afirma que o imperador libertou aproximadamente 20.000 cristãos presos em Túnis, e destaca, assim, a fama do imperador como um líder contra os inimigos da Cristandade. Por outro lado, uma carta que o imperador enviou ao lugartenente geral do Principado da Catalunha revela como o imperador interpretava a conquista de Túnis: Carlos V dirigiu pessoalmente a empresa com a intenção de desarmar Barba Ruiva e os exércitos que atacavam os reinos cristãos. As suas palavras deixam bem claro que pretendia defender "a Cristandade", o que confirma que se considerava como defensor dos territórios cristãos (BOFARULL Y SANS, 1895, p. 23-24), assim como seus antepassados da Coroa de Aragão.

As análises paleográfica e codicológica do ms. 9-4769 da BRAHM, que fizemos no começo deste artigo, confirmam que as letras capitulares referentes aos capítulos da conquista de Maiorca são as mais destacadas em comparação com a rusticidade das demais letras capitulares na primeira parte do manuscrito. Considerando o contexto literário de recuperação do passado histórico da Coroa de Aragão na literatura dos primeiros decênios do século XVI em um contexto catalano-aragonês e a importância da vitória de Carlos V em Túnis, é provável que esta primeira parte do manuscrito tenha sido composta durante os anos 30 do século XVI, seguramente depois de 1535. Como observamos que as duas partes do manuscrito foram compostas em períodos distintos, o patrocinador ou o *actor* da primeira parte do ms. 9-4769 da BRAHM provavelmente almejava, a

19 Barbarroja, celebrado corsario, con gruesa armada del Gran Turco, cuyo general le habían hecho su valor y fortuna, robando las costas de Italia, y molestando el mar Mediterráneo, ocupó el reino y ciudad de Túnez, quitándole a Muley-Hazén. El cual, desposeído, pidió favor al emperador Carlos quinto, que movido de los ruegos y de su inclinación, previniendo prudente, cuánto importaba desarmar aquel tirano, *enemigo cruel del nombre cristiano*;- *más atento a este provecho que a su autoridad imperial, pasó en persona a África contra un corsario por junio del año mil y quinientos y treinta y cinco*. Ganó la Goleta: desbarató, y ahuyentó a Barbarroja, que valiente se presentó en campaña contra la persona y banderas imperiales, asegurando esta gloria a su valor. Huido el corsario, entró el césar en Túnez, donde sacó de mazmorras veinte mil esclavos cristianos, que libres y contentos derramó con la gloria de su fama por Europa.

partir das informações do seu contexto literário e a partir das empresas realizadas por Carlos V no norte da África contra os inimigos da fé cristã em 1535, fazer uma referência à conquista realizada pelo rei Jaime I de Aragão contra os muçulmanos em 1229, recuperando, dessa forma, sua *auctoritas*, ao interromper a cópia no final do texto referente a esta conquista. Devemos destacar que a primeira metade do século XVI foi uma época literária interessada pelos temas da expansão catalã pelo Mediterrâneo e que continuou no século seguinte. Por exemplo, devemos recordar a tradução do *Llibre del Rei En Pere* (*Livro do Rei Dom Pedro*) feita do catalão para o castelhano e preparada por Rafael Cervera (1563/64-1633) no ano 1616, a qual resgatava do esquecimento a época da plenitude do Principado da Catalunha (GENÍS I MAS, 2012, p. 86). Considerando que um dos momentos mais emblemáticos e representativos do reinado do *Conquistador* foi a conquista do reino muçulmano de Maiorca em 1229, podemos conjecturar que a primeira parte do ms. 9-4769 da BRAHM revela que a intenção do patrocinador ou do *actor* era recordar a primeira grande empresa do rei Jaime I, o seu primeiro grande feito de armas, ou seja, sua *auctoritas*, em um contexto muito parecido às empresas bélicas que Carlos V havia feito para conquistar Túnis em 1535.

4. Jerônimo Zurita e a "tarefa complementar" na segunda parte do ms. 9-4769 de la BRAHM

Anteriormente, observamos que durante a primeira metade do século XVI foram compostas diversas obras que relacionavam estreitamente a história dos territórios da Coroa de Castela com a história do topônimo "España". No mesmo século, cronistas da Coroa de Aragão preocuparam-se em enaltecer o seu passado territorial, sobretudo fazendo referência aos acontecimentos históricos mais conhecidos, destacando a singularidade política e histórica do território. Cada vez mais houve, então, a necessidade de encontrar uma "persona experta" para compor a história do território, como foi afirmado nas *Constitucions de Catalunya* (1495), em seu apartado "Del ofici de Cronista":

> Pois, pela falta de história dos feitos e das coisas antigas do Principado da Catalunha e dos condados de Rossilhão e Cerdanha, os quais estão esquecidos, assim, não somente é conveniente, mas também necessário (...) ter história certa e correta dos feitos dos antepassados, o que convêm a qualquer província, assim como no dito Principado e condados, onde os exemplos dos antepassados não somente os motiva, mas também, às vezes, tornam-se leis. Por isso, humildemente, a presente corte suplica (...) que seja nomeado e instituído com o salário que será pago pelos três braços *uma pessoa experta, sábia e provida em crônicas e histórias, natural dos ditos Principado e condados, a qual tenha uma particular função de recompilar, ordenar e escrever uma crônica em latim e outra em língua vulgar catalã, como convêm ao Principado*. (GENÍS I MAS, 2012, p. 29).[20] (os itálicos

20 Porquè por la falta de històrias los fets y cosas antigas del Principat de Cathalunya y Comtats de Roselló y Cerdanya restan olvidats, y sie non sols convenient però necessari (...) tenir història certa y cumplida dels fets dels antepassats, lo que si en Província alguna convé, en los dits Principats y Comdats, aon los exemplars dels antepassats no sols moven, però ancora a las voltas fan ley. Per ço, humilment supplica (...) que sie nomenat y deputat ab lo salari que aparexarà als tres Brazos *una persona experta, sàbia, próvida en crónicas y històrias, natural dels dits Principat y Comtats, la qual tinga particular càrrec de recopilar, ordenar y escriure una crònica en latí y una altra en vulgar cathalà, com al semblant Principat convé*.

são nossos).

Esta inquietação fez-se presente com a aparição de diversos textos que tentavam preencher a falta de uma história dos territórios da Coroa de Aragão que fizesse justiça ao seu passado, no estilo da *Història General de Catalunya* (1585) de Antoni Viladamor (m. 1585), do *De Catalonia* (1588) de Francesc Calça (1521-1603), da *Historia de los victoriosísimos antiguos condes de Barcelona* (1603) de Francesc Diago (1562-1615) e da *Crónica Universal* (1604-1609) de Jeroni Pujades (1568-1635). E foi neste contexto que apareceu Jerônimo Zurita.

Em 1547, na reunião das Cortes de Monzón, decidiu-se que se deveria nomear um cronista oficial que compusesse uma história da Coroa de Aragão. Em 1548, Jerônimo Zurita recebeu a tarefa de preparar uma história da Coroa de Aragão. Ferran Soldevila, em uma conferência apresentada no ano 1962 no *VII Congrés d'Història de la Corona d'Aragó* intitulada "Zurita com a historiador", afirmou que a biografia deste historiador ainda estava para ser feita. As informações apresentadas por Soldevila nesta conferência fazem referência às datas e aos fatos da vida de Zurita (1996, p. 145-197).

Há elementos que Soldevila apresentou juntamente com as características do ms. 9-4769 da BRAHM que podem ajudar a esboçar a forma como o historiador aragonês fez as suas buscas nos arquivos históricos do Principado da Catalunha. É provável que Zurita contasse com colaboradores para analisar os diversos documentos que tinha disponível nos arquivos. Seus conhecimentos de paleografia e de diplomática foram cruciais para analisar os documentos nos arquivos do Principado da Catalunha (VIÑAZA, 1986, p. 39). Em seu trabalho, Zurita manteve contato com as crônicas dos reis castelhanos, não somente as impressas, mas também as manuscritas, algumas das quais foram copiadas com a intenção de utilizá-las na composição das *Anales de la Corona de Aragón* (SOLDEVILA, 1996, p. 145-197). Além disso, há registros de cópias e de anotações manuais de Zurita nas margens de diversos documentos, como, por exemplo, manuscritos que são citados nos *Progresos de la Historia en el reyno de Aragón* (ANDRÉ DE UZTAROZZ e DORMER, 1680, p. 248-277), e também, segundo Jordi Bruguera, nas margens do ms. 9-4769 da BRAHM, nosso principal objeto de estudo:

> O códice [ms. 9-4769 da BRAHM] apresenta numerosas – e às vezes longas – notas marginais, correções no texto, como glosas históricas, estas em castelhano. *O tipo de letra destas notas é idêntico ao da segunda metade do texto* e coincide também com a mesma caligrafia das notas marginais do ms. 1018 da Biblioteca de Catalunha, que contém a versão latina de Pedro Marsilio, *atribuídas a Jerônimo Zurita*. (*Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, 1991, p. 12). (Os itálicos são nossos).

Em 1549, o imperador Carlos V autorizou que Zurita utilizasse os arquivos e os depósitos de

documentos da Coroa de Aragão. Assim, entre o mês de junho de 1553 e o mês de junho 1554, Zurita esteve presente na cidade de Barcelona para reunir informações, principalmente no Arquivo Real, hoje integrado ao Arxiu de la Corona d'Aragó (SOLDEVILA, 1996, p. 145-197). Zurita reuniu, assim, uma grande quantidade de documentos e de cópias de documentos, além de notas e de dados de documentos procedentes dos arquivos públicos e particulares da Catalunha:

> Jerônimo Zurita, que em cada ação oferece um exemplo aos seus sucessores, continuando a dispor a história destes reinos, resolveu, no ano 1553, visitar o *Arquivo de Barcelona*, por ser o mais comum e o mais importante depósito de todos as nossos escritos, e estar organizado com imenso trabalho, desde os tempos antigos, com expedição e uso fácil dos papeis que se encontram nele, de maneira que também se procura hoje, colocando os Reis uma pessoa experta, que com bom salário siga nesta ocupação. O que ali foi traduzido pela sua mão e foi copiado pelos seus secretários admira muito e, ainda que não seja pouco o que nós temos visto, vem a ser como um exemplo de tanto quanto trabalhou. Algumas coisas se perderam e outras se venderam, e a fama de seus escritos provocou a curiosidade de muitos homens doutos e de outros que não o eram (...) (ANDRÉ DE UZTAROZZ e DORMER, 1680, p. 248-277).[21] (os itálicos são nossos).

Como foi destacado, os registros de Zurita foram preparados por ele mesmo e, neste caso, como fez com as crônicas castelhanas, nada impede de pensar que também aplicou a sua metodologia às crônicas catalãs, as quais estavam presentes no arquivo que visitou na cidade de Barcelona.

Observamos anteriormente como a campanha de Túnis, realizada em 1535 pelo imperador Carlos V, refletiu na composição da primeira parte do ms. 9-4769 da BRAHM, com o seu patrocinador ou *actor* destacando as rústicas letras capitulares presentes nos capítulos sobre a conquista de Maiorca pelo rei Jaime I em 1229. No que se refere à segunda parte do manuscrito, momento no qual Jerônimo Zurita foi tanto o patrocinador quanto o *actor* do texto, devemos compreender que sua composição foi uma "tarefa complementar" em seu trabalho de investigador interessado em reunir o material necessário para preparar a obra a qual havia sido contratado para compor, os *Anales de la Corona de Aragón* (SOLDEVILA, 1996, p. 145-197).

Esta "tarefa complementar", que caracteriza a segunda parte do ms. 9-4769 da BRAHM, faz pensar que a primeira parte originou a segunda, ou seja, a tarefa complementar, a qual deve ser entendida no sentido de completar a vida do rei Jaime I de Aragão para, posteriormente, ser utilizada na composição da obra a qual Zurita havia sido contratado para compor.

21 Gerónimo Zurita, que en cada acción ofrece un ejemplo a sus sucessores, continuando en disponer la historia de estos Reynos, resolvió el año 1553 pasar al *archivo de Barcelona*, por ser el común y más importante depósito de todas nuestras escrituras, y estar ordenado con inmenso trabajo desde los tiempos antiguos, con expedición, y uso fácil de los papeles que se encierran en él, de la manera que también se procura oy, poniendo siempre los Reyes una persona muy perita que con buen salario siga esta ocupación: *lo que allí trasladó por su mano, y copiaron sus escrivientes admira mucho*, y aunque no es poco lo que avemos visto nosotros, viene a ser como un rasgo de tanto como trabajo, y juntó; algunas cosas se perdieron, y otras se agenaron, que la fama de sus escritos excitó la curiosidad de muchos hombres doctos, y aun de algunos que no lo eran (...).

5. Conclusão: os significados históricos do ms. 9-4769 da BRAHM

Ao apropriar-se da vida do rei Jaime I de Aragão, os diferentes *actores* e patrocinadores dos objetos da tradição textual interpretaram o conteúdo da vida deste rei da forma que desejavam e que necessitavam e, nas características dos objetos que compuseram, deixaram tais interpretações, sinais do contexto de composição. Há, portanto, em relação a esta tradição textual, diversos textos situados em contextos distintos que foram (re)produzidos a partir do mesmo ponto de referência, ou seja, a vida do rei Jaime I de Aragão, porém, desde uma distância histórica considerável, ou seja, a distância entre a entrega e o momento criativo (o momento de elaboração original do texto no final do século XIII) e as reproduções que hoje formam a tradição textual (ou seja, os objetos das diversas tradições textuais existentes entre os séculos XIV e XIX).

Considerando a peculiaridade deste manuscrito em relação aos demais objetos da tradição textual catalã do *Livro dos Feitos*, podemos afirmar que em um primeiro momento algum *actor*, por volta do ano 1535, vinculado à questão representativa da expansão da Coroa de Aragão em direção ao Mediterrâneo e considerando a campanha de Túnis feita pelo imperador Carlos V, copiou a vida do rei Jaime I de Aragão recuperando sua *auctoritas* até os capítulos referentes à conquista de Maiorca em 1229, igualando esta conquista à empresa de Carlos V em Túnis em 1535. Posteriormente, entre os anos de 1553 e 1554, Jerônimo Zurita, ao investigar alguns documentos em Barcelona, preparou a cópia da segunda parte do ms. 9-4769 da BRAHM. Há, então, dois significados históricos neste manuscrito. O primeiro é recuperação da memória sobre o passado (imperial) catalão e o segundo a preparação de uma "tarefa (historiográfica) complementar".

Observando o contexto histórico no qual este objeto foi produzido, devemos destacar a necessidade de se evocar o passado do território da Coroa de Aragão quando se produziu a expansão para o sul da Península Ibérica e também para o Mediterrâneo no século XIII. O rei Jaime I de Aragão era uma das figuras políticas mais relevantes deste contexto. Este fenômeno de evocação do passado do território da Coroa de Aragão foi destacável no contexto literário do século XVI, como vimos anteriormente, contexto no qual foi composto o ms. 9-4769 da BRAHM. Assim, a composição deste objeto foi realizada em um contexto reivindicativo dentro do qual conquistou uma representação simbólica considerável. Houve, então, dois contextos nos quais a necessidade de recuperar a *auctoritas* do rei Jaime I ocorreu, e que depois foram colocadas juntas, no mesmo objeto, originando, assim, o ms. 9-4769 que se encontra na BRAHM.

Este comportamento literário nos indica que o primeiro *actor* tentou imitar um modelo de letras capitulares humanísticas. Esta atenção pelas letras capitulares na primeira parte não está presente na maioria dos capítulos da segunda parte, o que faz com que pensemos que o *actor* e

patrocinador da segunda parte – provavelmente Jerônimo Zurita – tinha outra intenção em seu trabalho, não voltada para o aspecto estético. Com uma letra humanística livresca, o seu objetivo era preparar uma cópia tão legível quanto fosse possível para utilizar as informações em sua obra *Anales de la Corona de Aragón*.

Conhecendo a origem da composição da primeira parte e o caráter de complementação da segunda, podemos elaborar uma conclusão sobre a composição global do manuscrito, ou seja, sua unidade codicológica enriquecida. Em um determinado momento, por volta dos anos 30 do século XVI, provavelmente depois de 1535, a primeira parte do ms. 9-4769 da BRAHM foi composta por um *actor* que desejava destacar a conquista de Maiorca pelo rei Jaime I de Aragão, já que as letras capitulares rústicas que mais se destacam no manuscrito estão localizadas nos capítulos que fazem referência a este acontecimento da vida do *Conquistador*. Posteriormente, em uma de suas estadias em Barcelona, entre o mês de junho de 1553 e junho de 1554, Jerônimo Zurita encontrou esta primeira parte da vida do rei Jaime I em alguns arquivos onde fazia suas investigações, buscou um manuscrito completo que estava no Arxiu Real de Barcelona e utilizou para continuar a cópia com suas próprias mãos.

Referências

Fontes (manuscritas, impressas e editadas)

ANDRÉ DE UZTARROZ, Juan Francisco i DORMER, Diego Josef. *Progresos de la Historia en el reyno de Aragón y elogios de Geronimo Zurita su primer coronista*. En Zaragoza, por los herederos de Diego Dormer, 1680.

ARÉVALO, Juan Sedeño de. *Summa de varones illustres, en la qual se contienen muchas sentencias y grandes hazañas y cosas memorables de dozientos y veynte y quatro famosos emperadores, reyes y capitanes, que ha hauido de todas las naciones, desde el principio del mundo hasta nuestros tiempos*. En Toledo: en la oficina de Juan Rodríguez, 1590.

BOFARULL Y SANS, D. Francisco de. *Predilección del emperador Carlos V por los catalanes. Memoria documentada leída en la Academia de Buenas Letras en la sesión de 16 de febrero de 1894 por D. Francisco de Bofarull y Sans*. Barcelona: Establecimiento tipográfico de Jaime Jepus, 1895, p. 18 (Documento 8).

CALÇA, Francesc. *De Catalonia liber primus*. Barcinone : Ex typographia Iacobi Cendrat, 1588.

Carlos V a Lope de Soria (Palencia, 29 de septiembre de 1534). In: *Corpus documental de Carlos V. Edición crítica dirigida, prologada y anotada por Manuel Fernández Álvarez*. Vol. I (1516-1539). Salamanca: Gráficas Europa, 1975, p. 410 (Documento CLXVII).

Carta de la Emperatriz al Arzobispo de Toledo. 5 de agosto de 1532. In: *Colección de documentos inéditos para la historia de España*. Por Don Martín Fernández Navarrete; Don Miguel Salvà; Don

Pedro Sainz de Baranda. Vol. I. Madrid: Imprenta de la viuda de Calero, 1842, p. 149-150.

Carta de la Emperatriz al Arzobispo de Toledo. 20 de diciembre de 1529. In: *Colección de documentos inéditos para la historia de España*. Por Don Martín Fernández Navarrete; Don Miguel Salvà; Don Pedro Sainz de Baranda. Vol. I. Madrid: Imprenta de la viuda de Calero, 1842, p. 140-143.

Carta del Emperador Carlos V a todas las ciudades del reino, su fecha en Barcelona a 9 de mayo de 1535, participando como había resuelto embarcarse en la armada que se juntó en dicha ciudad para la jornada de Túnez. In: *Colección de documentos inéditos para la historia de España*. Por Don Martín Fernández Navarrete; Don Miguel Salvà; Don Pedro Sainz de Baranda. Vol. I. Madrid: Imprenta de la viuda de Calero, 1842, p. 154-160.

COLMENARES, Diego de. *Historia de la insigne ciudad de Segovia y compendio de las historias de Castilla*. Segovia: Academia de historia y arte de San Quirce, 1969-1974.

Constituciones de Cataluña. Del ofici de Cronista, Vol. 3º, fol. 25 col 2ª. Apud GENÍS I MAS, Daniel. *La "Historia de Cataluña" de Rafael de Cervera*. Vol. I. Tesi Doctoral. Universitat de Girona. Institut de Llengua i Cultura Catalanes, 2012, p. 29.

Copia de otra que escribió el Rey á los Diputados antes de partir para África durante su estancia en Barcelona con objeto de preparar la expedición. – Barcelona, 9 de mayo de 1535. In: BOFARULL Y SANS, D. Francisco de. *Predilección del emperador Carlos V por los catalanes. Memoria documentada leída en la Academia de Buenas Letras en la sesión de 16 de febrero de 1894 por D. Francisco de Bofarull y Sans*. Barcelona: Establecimiento tipográfico de Jaime Jepus, 1895, p. 74-75 (Documento 88).

DESPUIG, Cristòfol. *Los col·loquis de la insigne ciutat de Tortosa*. A cura de Joan Tres. Barcelona: Curial, 1996.

DIAGO, Francesc. *Historia de los victoriosísimos antiguos condes de Barcelona*. Barcelona: S. de Cormellas, 1603.

GIRÓN, Pedro. *Crónica del emperador Carlos V*. Edición de Juan Sánchez Montes. Prólogo de Peter Rassow. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Escuela de Historia Moderna, 1964.

IVARRA, Martí de. La [e]pistola al spectable senyor Don Galceran de Cardona letra de Martí de Ivarra tramesa en las corts de Montsó. In: PERE TOMIC. *Histories e conquestes dels reys d'Aragó e comtes de Catalunya*. Textos Medievales 29. Indices por Juan Sáez Rico. Reimpressión facsímil de la de 1534. València: Anubar, 1970, p. 8-9.

Llibre dels Fets del Rei En Jaume. 2 vols. (A cura de Jordi Bruguera). Barcelona: Barcino, 1991.

LLUÍS VIVES, Juan. De concordia et discordia in humano genere = sobre la concordia y la discordia en el género humano; De pacificatione = sobre la pacificación; Quam misera esset vita christianorum sub turca = Cuán desgraciada sería la vida de los cristianos bajo los turcos. Introducció de Valerio del Nero. València: Ajuntament de València, 1997.

MEDINA, Pedro de. *Libro de las grandezas y cosas memorables de España*. Valéncia: Editores de

Facsímiles Vicent Garcia, 2011.

Ms. 9-4769 da Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/chronica-del-rey-don-jayme-de-aragon-manuscrit--0/html/01e157b4-82b2-11df-acc7-002185ce6064_76.html Acesso em: 11 mai. 2019.

Obispo de Badajoz a Carlos V (Valladolid, 12 de diciembre de 1526). In: *Corpus documental de Carlos V*. *Edición crítica dirigida, prologada y anotada por Manuel Fernández Álvarez*. Vol. I (1516-1539). Salamanca: Gráficas Europa, 1975, p. 120 (Documento XXV).

OCAMPO, Florián de. *Los cinco libros primeros de la Crónica General de España*. Edición Facsímil. Madrid: Secretaría General del Senado, 1997.

PUJADES, Jeroni. *Crónica Universal del principado de Cataluña*. A cura d'Eulàlia Miralles i Jori. Barcelona: Ajuntament de Barcelona/Arxiu Històric de la Ciutat, 2003.

Toma de Túnez. – Alcazava de Túnez, 25 de julio de 1535. In: BOFARULL Y SANS, D. Francisco de. *Predilección del emperador Carlos V por los catalanes. Memoria documentada leída en la Academia de Buenas Letras en la sesión de 16 de febrero de 1894 por D. Francisco de Bofarull y Sans*. Barcelona: Establecimiento tipográfico de Jaime Jepus, 1895, p. 23-24 (Documento 15).

VILADAMOR, Antoni. *Història General de Catalunya*. Edició crítica d'Eulàlia Miralles. Pròleg d'Eulàlia Duran. Barcelona: Fundació Noguera, 2007.

Bibliografia

ÁLVAREZ, Manuel Fernández. *Carlos V, el César y el hombre*. Madrid: Espasa Calpe, 2001.

ARNALL i JUAN, M. Josepa. *El llibre manuscrit*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, 2002.

ASSMANN, Jan. Collective Memory and Cultural Identity. *New German Critique*, 65, 125-133, 1995.

AURELL, Jaume. *La historiografía medieval.* Entre la historia y la literatura. València: Publicacions Universitat de València, 2016.

AURELL, Jaume. La historiografía medieval: siglos IX-XV. In: *Comprender el pasado.* Una historia de la escritura y el pensamiento histórico (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 95-142.

AVILÉS FERNÁNDEZ, Miguel. El siglo XVI en España: Cultura. In: *Jerónimo Zurita.* Su época y su escuela. Congreso Nacional. Ponencias y Comunicaciones. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, Excma. Diputación Provincial de Zaragoza, 1983, p. 107-126.

BARÓ I QUERALT, Xavier. *La historiografia catalana en el segle del Barroc* (1585-1709). Tesi Doctoral. Departament d'Història Moderna de la Universitat de Barcelona. Barcelona, Desembre de 2005.

BELENGUER, E. *Jaume I i el seu regnat*. Lleida: Pagès editors, 2007.

BRIQUET, Charles M. *Les filigranes:* dictionnaire historique des marques du papier: dès leur apparition vers 1282 jusqu'en 1600. Amsterdam: The Paper Publications Society, 1968.

BURKE, Peter. Del Renacimiento a la Ilustración. In: *Comprender el pasado.* Una historia de la escritura y el pensamiento histórico (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 143-182.

CHENU, Marie-Dominique. Auctor, actor, autor. *Archivum Latinitatis Medii Aevi*, 3, 81-86, 1927.

CINGOLANI, S. M. *Historia y mito del rey Jaime I de Aragón*. Barcelona: Edicions 62, 2008.

DE LAS HERAS, José Luis. La idea de Europa en Carlos V. *Cuadernos del Lazarillo. Revista literaria y cultural*, 18, 50-56, 2000.

DURAN, Eulàlia. *Sobre la mitificació dels orígens històrics nacionals catalans*. Discurs llegit en la sessió inaugural del curs per Eulàlia Duran i Grau, membre de la secció Històrico-Arqueològica, Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 1991-1992, p. 7-17.

GARCIA SEMPERE, Marinela i WILKINSON, Alexander. La producció impresa en català dels ss. XV i XVI: observacions sobre la història de la impremta a través de l'estudi dels catàlegs. *Caplletra*, 51, 51-79, 2011.

GENÍS I MAS, Daniel. *La "Historia de Cataluña" de Rafael de Cervera*. Vol. I. Tesi Doctoral. Universitat de Girona. Institut de Llengua i Cultura Catalanes, 2012.

JUAN VIDAL, Josep. La defensa del reino de Mallorca en la época de Carlos V (1535-1558). In: *Carlos V y la quiebra del humanismo político en Europa (1530-1558)*. Vol. I. Madrid: Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2001, p. 541-589.

MESTRE ZARAGOZA, Marina. El Imperio de Carlos V: el laboratorio político de la Europa moderna. *Erytheis*, 3, 69-93, 2008.

SIMON I TARRÉS, Antoni. Llengua i cultura a l'època del Renaixement i del Barroc. In: BALCELLS, Albert. *Història de Catalunya*. Barcelona: L'esfera dels llibres, 2009, p. 405-419.

SOLDEVILA, Ferran. Zurita com a historiador. In: SOLDEVILA, Ferran. *Cronistes, joglars i poetes*. A cura de Joaquim Molas i Josep Massot i Muntaner. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1996, p. 145-197.

SPIEGEL, Gabrielle M. *Romancing the Past*: the Rise of Vernacular Prose Historiography in Thirteenth-Century France. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1995.

TEEUWEN, Mariken. *The Vocabulary of Intellectual Life in the Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2003.

TRES, Joan. Introducció. In: DESPUIG, Cristòfol. *Los col·loquis de la insigne ciutat de Tortosa*. A cura de Joan Tres. Barcelona: Curial, 1996, p. 5-35.

VILLACAÑAS, J. L. *Jaume I el Conquistador.* Madrid: Espasa Calpe, 2004.

VIÑAZA, Conde de la. *Los cronistas de Aragón*. Edición facsimilar del texto original del 1905 con una introducción a cargo de María del Carmen Orcástegui Gros y Guillermo Redondo Veintemillas. Zaragoza: Cortes de Aragón, 1986.

WHITE, Hayden. Literary Theory and Historical Writing. In: *Figural Realism.* Studies in the Mimesis Effect. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1999, p. 1-26.